

Boletim Gaúcho de Geografia

<http://seer.ufrgs.br/bgg>

A COMPLEXIDADE DO ESPAÇO URBANO EM PORTO ALEGRE

Benhur Pinos da Costa
Boletim Gaúcho de Geografia, 29: 43-55, jan., 2003.

Versão online disponível em:
<http://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/38742/26251>

Publicado por

Associação dos Geógrafos Brasileiros



Portal de Periódicos
UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

Informações Adicionais

Email: portoalegre@agb.org.br

Políticas: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/editorialPolicies#openAccessPolicy>

Submissão: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#onlineSubmissions>

Diretrizes: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#authorGuidelines>

Data de publicação - jan, 2003

Associação Brasileira de Geógrafos, Seção Porto Alegre, Porto Alegre, RS, Brasil

A COMPLEXIDADE DO ESPAÇO URBANO EM PORTO ALEGRE

*Benhur Pinos da Costa**

Resumo

A cidade polariza o capital de regiões próximas e é lugar de convergência de transportes regionais. Assim, a demanda por localização no centro da cidade é alta, causando uma grande aglomeração populacional e a verticalização arquitetônica. Nesse processo, o centro começa a selecionar atividades, tornando-se lugar de serviços especializados, comércio monopolístico e instituições financeiras. Serviços de consumo mais comuns instalam-se nos bairros periféricos acompanhando a população consumidora que também buscou fugir do congestionamento, poluição e criminalidade do centro. Indústria, comércio e população de maiores *status* sociais procuram novas localizações na periferia e aumentam as diferenciações espaciais na cidade. A população pobre também é expulsa do centro e bairros periféricos com boa infra-estrutura, pois não pode pagar pelo alto preço dos imóveis. Esse processo agrava-se pela constante especulação imobiliária que busca novas formas de revalorização da terra, mesmo nas periferias distantes, que aproveita a instalação de serviços urbanos e infra-estrutura pelo Estado, empurrando os pobres ainda mais para a periferia. Concomitantemente, novos processos de resistência à exclusão e constantes invasões de terras vagas e áreas verdes são promovidas, dualizando configurações espaciais em poucas distâncias na cidade. Assim, cidades, como Porto Alegre, se tecem com contrastes e constantes segregações espaciais.

Palavras-chave: centro urbano, centralização e descentralização de atividades urbanas, apropriações e diferenciação dos espaços na cidade.

* Professor do Curso de Geografia da Universidade Luterana do Brasil/ULBRA-Canoas/RS, Mestre em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS.

BOLETIM GAÚCHO DE GEOGRAFIA	PORTO ALEGRE	Vol. 29	Nº 1	P. 43-55	JAN-JUN. 2003
--------------------------------	--------------	---------	------	----------	---------------

Abstract

The city concentrates the capital of vicinity and it is the place of convergence of regional transports. So, search for localization at downtown is high, doing a big populational huddle and a vertical architectural. In this process, the center starts to select activities, becoming a place of specialized services, monopolistic trade and financial institutions. Common consumption services settle down at suburbs accompanying the consumers that ran away from the traffic jam, pollution and center's crime. Industry, trade and people with higher social status look for new places at suburbs and it increases space differentiations in the city. Poor people also are thrown out from the center and suburbs with a good infrastructure, because they can't to pay high prices from the real state. This process to get worse by the constant speculation that seeks new ways to value the land even in the distant suburbs that utilize the installation of urban services and infrastructure from the state shoving poor people into suburb. Simultaneously, new ways of resistance to exclusion and invasion of vacant lands and green areas are promoted making space configurations in a few distances in the city. So, cities, as Porto Alegre, have contrasts and constant space segregation.

Key words: urban center, centralization and decentralization of urban activities, appropriation and differentiations of the spaces in the city.

Centralidade urbana

A cidade se define principalmente pela concentração do capital no espaço, ou seja, pela concentração e comercialização do excedente (CHRISTALLER, 1966). É um espaço que converge o excedente das regiões próximas e mantém a atração de atores econômicos externos aproveitando algumas potencialidades de acumulação de capital. A partir disso, em primeiro plano, analisamos o desenvolvimento da cidade por uma relação campo-cidade, onde o excedente agrícola converge para uma parte do espaço onde se mantêm trocas constantes entre produtos primários e manufaturados, efetivando-se como espaço do comércio. Por outro lado, temos a cidade estabelecida por uma relação capital-provincia, verificando-se que o espaço urbano caracteriza-se pela localização do poder que administra a organização, a infra-estrutura, a movimentação de capital, as ações legais e tributárias das regiões circundantes. Ainda temos a cidade estabelecida por uma relação centro-periferia, que identifica um espaço com um tempo mais avançado (ver SANTOS, 1997, sobre *os lugares e seus diferentes tempos*) que centraliza comando e produção tecnológica e, por isso, concentra capital e emana poder a uma área de influência (quando verificamos o comando de umas cidades sobre as outras).

Então, a cidade, ao mesmo tempo em que converge excedente local, se caracteriza como entreposto comercial e por suas relações com o exterior. Relações entre ela e sua região de influência, em que se define como um centro, e em relação a outra cidade dominante, em que se posiciona como uma cidade periférica. Christaller (1966) explica essas relações a partir da teoria dos lugares centrais e define cidade como o centro de convergência de riquezas de um *hinterland* (região de influência de onde os capitais provêm e se concentram na cidade-centro). Como centro de poder e capital, a cidade concentra riquezas e estende ligações de consumo a regiões distantes; por isso, ela é foco dos transportes inter-regionais (CORRÊA, 1995).

Nesse sentido, a cidade se constrói por uma área central, definida pela convergência dos transportes inter-regionais. Geralmente os núcleos urbanos se adensam, em um primeiro momento, próximo aos terminais ferroviários e rodoviários e aos portos. Além disso, esses terminais tendem a se localizar próximos para facilitar o transbordo de mercadorias (CORRÊA, 1995). Quando um ponto central transforma-se em uma economia de aglomeração, vários agentes econômicos se instalam para aproveitar as oportunidades de consumo da área. Desenvolve-se um mercado de trabalho e consumo centralizado e especializado, que converge população, mas que exclui áreas residenciais a periferias imediatas. Nesse sentido, as áreas centrais também se tornam foco de transportes intra-urbanos, que fazem a ligação de diferentes áreas da cidade e ligam-se aos terminais inter-regionais.

No sítio de Porto Alegre, torna-se clara essa centralização dos transportes. A cidade nasceu pela influência portuária e cresceu pelo fluxo e concentração do excedente que provinha das colônias alemãs e italianas do norte do Estado, principalmente pela ligação rápida com São Leopoldo e Novo Hamburgo (CARRION, 1989). O porto se consolidou pela necessidade de exportação e importação para suprir a população em constante adensamento. Em Porto Alegre, a necessidade de modernização do porto e das vias de transporte para circulação de mercadorias fez concentrar espacialmente os terminais ferroviários, hidroviários e rodoviários. Essa concentração é visual no espaço, nas proximidades das avenidas Voluntários da Pátria, Mauá e Júlio de Castilhos (até o Mercado Público) observamos um intenso uso espacial em virtude de transportes – ali estão a rodoviária, o porto, o antigo terminal da Rede Ferroviária Federal e os terminais intra-urbanos do Mercado Público, Rui Barbosa e Conceição.

Descentralização das atividades

A centralização excessiva de atividades promoveu uma alta demanda por espaço, o que encareceu a localização no centro da cidade. Assim, os centros

sempre se caracterizam por uma verticalização excessiva, uma vez que os agentes econômicos procuram aproveitar da melhor forma o terreno muito caro e disputam o mínimo espaço (CAMPOS FILHO, 1992). Devido à alta demanda, o preço dos imóveis no centro aumenta. Isso leva a uma seleção de atividades, sendo que as de maior capital agregado possuem maiores possibilidades de se instalarem nessa localidade. Assim, a paisagem caracteriza-se por um conjunto de prédios muito verticalizados, onde se instalam sedes de grandes empresas, principalmente bancos na atual hegemonia do capitalismo financeiro, e comércio monopolístico.

O centro, então, cria economias de desaglomeração, principalmente devido ao alto preço dos imóveis, ao congestionamento e à perda de amenidades (CORRÊA, 1995). Além disso, o centro se torna um lugar comercial e financeiro, setor de circulação diurna e obsolescência noturna. À noite, é ocupado pela população miserável que se abriga nas marquizes, população da periferia que se diverte em bares noturnos e por aqueles que se ocupam da prostituição (CLARK, 1991). Dessa forma, tende a ser repudiado por estratos familiares médios, que procuram áreas periféricas de bom acesso aos serviços urbanos.

Com a expansão de bairros de consumidores de classe média, as empresas com demanda direta procuram se instalarem em áreas de fácil acesso próximas a eles. Isso gerará economias de transporte, uma vez que os consumidores serão atendidos muito proximamente às suas áreas residenciais. Por esse processo, criam-se subcentros (centros secundários, de acordo com CORRÊA, 1995) em pontos de fácil acesso ao centro, mas próximos às áreas residenciais de *status* sociais mais elevados.

Por outro lado, as indústrias tendem a sair de áreas centrais, principalmente devido ao congestionamento dos transportes e à impossibilidade de poderem expandir suas instalações, procurando áreas não-centrais com acesso facilitado, infra-estrutura já instalada e terrenos amplos e baratos. A venda do terreno central para instalação periférica torna-se lucro para empresa, uma vez que aquele possui um valor bem maior que o periférico (CORRÊA, 1995). Esse processo de periferização industrial ocorre em áreas afastadas do centro ou em áreas fora do próprio município industrial, acessando municípios vizinhos onde o valor do terreno é muito baixo devido à pouca aglomeração e à legislação fundiária ineficiente. Antigas áreas industriais próximas ao centro tornam-se obsoletas, pois ficam em desuso. A descentralização industrial promoveu seu esvaziamento econômico. Por outro lado, a população média se consolidou em áreas de amenidades, e o centro, ao invés de se expandir horizontalmente, torna-se muito localizado e expande-se verticalmente. Tais áreas, então, não mantêm funções legais na cidade e são ocupadas pelo comércio ilícito, prostituição, pensões, instalações baratas e estacionamentos.

Em Porto Alegre, podemos evidenciar claramente esses processos. Podemos observar que o centro vertical da cidade está restrito a uma área pequena, que

não se expande. Esse centro vertical possui seus limites entre a rua Caldas Junior e, no outro extremo, as proximidades do viaduto da Conceição. Seu limite sul se prolonga pela avenida Borges de Medeiros até próximo à avenida Loureiro da Silva.

Os bairros Floresta e Navegantes, primeiramente ao longo do eixo da avenida Voluntários da Pátria e, posteriormente, da avenida Farrapos, constituíram o setor industrial tradicional da cidade. Ali se localizaram as primeiras industriais que se deslocaram quase por completo para a avenida Assis Brasil, a partir da década de 40, mais precisamente a partir da grande enchente de 1941 (CARRION, 1989), e atingindo os municípios periféricos da Região Metropolitana a partir da década de 60. Ao longo da avenida Farrapos e suas proximidades, a ocupação industrial se degradou e as atividades do centro não conseguiram substituir o vazio econômico. Assim, a região apresenta hoje um aspecto de obsolescência, com prédios degradados e pouco substituídos, devido ao desinteresse de investimento. Assim como uma área de cristalização, guardando aspectos arquitetônicos das épocas industriais, também se verifica o pouco cuidado com a paisagem. Essa área hoje, porém, apresenta um intenso uso noturno, pelas atividades de prostituição feminina e de travestis que circulam em suas calçadas ou trabalham nas dezenas de "boîtes" que se agregam ao longo de toda avenida Farrapos. Nas transversais desta rua e Voluntários da Pátria, observamos uma série de comércios de segunda-mão, peças, borracharias, oficinas mecânicas, hotéis baratos, pensões, ou seja, uma área de economia ilícita ou de baixo valor agregado.

Por outro lado, a avenida Assis Brasil foi grande receptora do deslocamento industrial das proximidades da avenida Farrapos a partir da década de 40. Na região próxima à avenida Assis Brasil, encontramos uma grande evidência de territorialização industrial passada, que é o bairro IAPI. Construído na década de 50, pelo Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Industriários, constitui-se uma área cristalizada (CORRÊA, 1995), ou seja, uma evidência, uma marca no espaço, pelas características da organização do condomínio e da arquitetura, de um uso passado – residencial para operários. Esse bairro é bastante conhecido porque nele residia a cantora gaúcha Elis Regina.

No entanto, a avenida Assis Brasil hoje não se caracteriza por um uso espacial industrial. Atualmente, ela é caracterizada por um intenso uso comercial em toda sua extensão. É um grande núcleo secundário comercial na zona norte, possuindo comércio bem variado nas proximidades dos bairros Passo da Areia e Cristo Redentor. Após a rótula com a avenida Baltazar de Oliveira Garcia, o comércio passa a se especializar em materiais de construção e revenda de automóveis, ou seja, tipos de comércio que consomem maior espaço horizontal, necessitando de terrenos amplos, baratos e bem localizados, características desse

ponto periférico da avenida Assis Brasil, uma vez que está na periferia de Porto Alegre, possuindo menor preço e um acesso facilitado ao centro e a outras cidades da grande Porto Alegre.

A diversidade de apropriações do espaço urbano

Hoje, o núcleo metropolitano de Porto Alegre se caracteriza por um espaço basicamente terciário, financeiro e concentrador de *status* sociais médios e altos. Porto Alegre, por ser centro metropolitano, sofreu um intenso processo de especulação imobiliária em seu sítio, numa constante reprodução da valorização do espaço a partir de investimentos públicos e privados. Além do mais, as primeiras leis de organização fundiária já foram criadas na década de 50 (CARRION, 1989), o que incrementou o custo de investimento industrial e o acesso às moradias de baixa renda. Todas as exigências enumeradas pelas legislações obrigaram a instalação de infra-estrutura, cujos custos recaíram sobre os valores dos impostos e dos terrenos no município de Porto Alegre. Nesse sentido, ocorreu a busca por localizações mais baratas aos investimentos industriais que consumiam maior espaço horizontal. No entanto, essas localizações baratas deveriam ter infra-estrutura instalada, acesso facilitado e serviços urbanos. O foco de descentralização foi ao longo da BR 116, em primeiro plano o município de Canoas, onde se montou uma indústria diversificada, seguindo um eixo de descentralização industrial ao longo dessa BR até Caxias do Sul. Aglomeram-se aí cidades lineares e industriais, ou seja, ao longo desse eixo de circulação, as populações se concentraram em virtude dos investimentos industriais. Outro foco de descentralização foi para oeste, em direção aos municípios de Eldorado do Sul e Guaíba, que também se consolidaram com uma indústria diversificada.

Os investimentos atuais intentam novas vantagens comparativas ao redor das regiões metropolitanas e cidades médias, procurando fugir do congestionamento e tensões sindicais nos tradicionais sítios industriais. Eles buscam vantagens comparativas em novos espaços – mão-de-obra barata, incentivos fiscais, infra-estrutura cedida e local para instalação, entre outras. Municípios, em busca de uma dinâmica econômica mais moderna e no intuito de promoverem novos investimentos, oferecem o máximo de vantagens para as novas instalações industriais. Para efetivar a instalação, os capitais privados estudam e equilibram quantidade de recursos e isenções cedidos pelos municípios com suas características geográficas de acesso a mercados e recursos humanos e naturais. Na região metropolitana de Porto Alegre, as novas localizações industriais expandem-se no sentido nordeste para os municípios de Cachoeirinha e Gravataí (cidade onde ocorreu a instalação de uma montadora de automóveis da multinacional

General Motors), além de também se promoverem em municípios que nunca tiveram características industriais, como Alvorada e Viamão. Estes últimos estão tornando-se interessantes para a ocupação industrial devido ao melhor acesso promovido pela Avenida do Trabalhador que liga a zona sul de Porto Alegre à zona norte e às cidades do norte da região metropolitana e por suas vantagens em relação à instalação barata.

Por outro lado, o município núcleo (Porto Alegre), sofrendo intenso processo de valorização da terra pela instalação de legislação fundiária mais rígida e pelo intenso processo de especulação de uso e valorização de terras, promoveu a expulsão de grande parte da população pobre. As regras rígidas para instalação de loteamentos periféricos para baixa renda em Porto Alegre fizeram com que estes fossem construídos em outras cidades da região metropolitana e seguissem dois principais eixos de descentralização: ao longo das avenidas Baltazar de Oliveira Garcia, para Alvorada, e Bento Gonçalves, para Viamão. Ao longo do eixo da avenida Baltazar, foram construídos condomínios para população de baixa renda pelo poder público, COHAB, BNH, DEMHAB, que, devido à recessão nos anos 80 e à regressão generalizada de renda, evidenciando a incapacidade popular de pagar as prestações de condomínios como Cohab Rubem Berta e Parque dos Maias, foram largamente invadidos. A construção desses condomínios envolveu a relação de diferentes atores que se interessavam por margens de lucros razoáveis. Vimos aí as empresas de engenharia, materiais de construção, infra-estrutura, agentes financiadores e o próprio Estado. Esses projetos movimentaram muito capital, e muitos agentes lucraram com eles, ainda mais quando pensamos nas possíveis verbas superfaturadas. No entanto, tais projetos não foram capazes de atingir pessoas carentes de moradia, uma vez que as prestações, constantemente reajustadas, tornavam-se impossíveis de serem pagas, ficando os prédios sujeitos a movimentos de invasão.

Corrêa (1995) não identifica as camadas pobres da população como agentes modeladores do espaço urbano, uma vez que eles não possuem oportunidades de escolher e pagar por uma moradia onde lhes convier. Esse mesmo autor verifica que o grupo social de excluídos somente se transforma em agente modelador quando invade partes do espaço urbano e reproduz no espaço suas relações, além de manter resistências ao seu deslocamento e mobilizar outros agentes devido a isso (polícia, Estado, proprietários, etc). Campos Filho argumenta que as chances que a população pobre tem de escolher moradia é quase nula. Mora em espaços periféricos carentes de infra-estrutura e serviços urbanos. Também é sempre pressionada a se deslocar para a periferia mais distante porque seu bairro, que antes era periférico, começa a receber, em longo tempo, esporadicamente, infra-estrutura e serviços urbanos mais adequados. Vendo que seu imóvel tende a valorizar-se e sofrendo constante processo de degradação da renda

familiar, tende a vender e se deslocar mais para a periferia, onde, de repente, pode investir em outra forma de obtenção de renda. Assim, o antigo bairro sofre um processo de desterritorialização e reterritorialização (HAESBAERT, 1995), mudando as características do grupo urbano que o habita e, em processo conjunto, a característica da paisagem.

Ao longo das avenidas Baltazar de Oliveira Garcia e Assis Brasil, zona da cidade de origem operária, ocorrem constantes processos de pressão imobiliária e substituição da população de baixa renda por um *status* social mais elevado. Investidores, agentes imobiliários e o poder municipal agem conjuntamente nas proximidades do "Triângulo da Assis Brasil", no intuito de promoverem maior qualidade de serviços urbanos e infra-estrutura e construir áreas de expansão imobiliária para a população de maior *status* social. Na paisagem obsoleta da zona norte, devido ao deslocamento industrial, e propensa à ocupação de população de baixa renda, surgem ilhas residenciais para população de renda alta, caracterizando os bairros Jardim Lindóia, Jardim Planalto e Santa Fé, este último bem próximo ao Jardim Leopoldina e Costa e Silva. Junto a esses bairros, investimentos em consumo e transportes são agilizados, como a construção de centros comerciais e investimento na ampliação das vias para melhorar o acesso de uma periferia de média e alta renda. Nessa região da cidade, observamos a proximidade e a disputa por espaço de diferentes classes sociais, onde partes deste espaço ora se caracterizam por bairros periféricos de baixa renda, ora de alta renda, ora áreas de invasão, ora prédios populares invadidos em tempos passados.

A periferização das populações de alta renda já é um fenômeno largamente estudado nas grandes cidades da América do Norte. Os ricos tendem a saírem do congestionamento, violência e degradação social das áreas centrais, formando subúrbios de alto *status* social, de acordo com Clark (1991). Marcelo Souza (2000) também observa a problemática do fechamento de comunidades de favelas no Rio de Janeiro e São Paulo e argumenta que as comunidades ricas também se fecham para manterem proteção e privilégios. Constituem exemplos disso o bairro Barra da Tijuca, no Rio de Janeiro, e condomínios Alphaville, nas proximidades da cidade de São Paulo. Em Porto Alegre, esse fechamento não é tão evidente, exceto por alguns condomínios fechados que se constroem na zona sul da cidade. Por outro lado, buscam-se novas áreas de investimento imobiliário na periferia da cidade. Essas áreas se formam principalmente através da construção de condomínios para a classe média e com maior facilidade de financiamento via Caixa Econômica Federal e Banrisul. Na cidade, encontramos áreas bastante saturadas e altamente valorizadas, onde os investimentos imobiliários mantêm um alto valor agregado. Áreas como as dos bairros Bela Vista, Montserrat e Higienópolis são alvos de grandes projetos imobiliários e áreas de classe média, como Petrópolis, Santana, Bom Fim, mantêm alta demanda e apresentam alta

valorização. Para a classe média, que constantemente passa por problemas financeiros devido à instabilidade econômica do país, resta buscar novas frentes de financiamento para habitação. Nesse sentido, agentes imobiliários fazem pressão junto a áreas periféricas, mas que se caracterizam pelo fácil acesso a universidades, supermercados, shoppings e áreas de lazer. Por outro lado, observamos também a centralização de população pobre. Essas populações tendem a ocupar áreas próximas ao centro e zonas bem valorizadas na cidade, por processos de invasão. Isso determina uma maior complexidade e proximidade de diferentes *status* sociais urbanos e processos de segregação em escala micro.

Um exemplo disso é o eixo ao longo da avenida A. J. Renner, constituindo os bairros Humaitá, Dona Teodora e Vila Farrapos. Essa área sempre se caracterizou por uma periferia pobre. A Vila Farrapos atualmente é uma área periférica pobre, que tende a sofrer processo de valorização devido ao incremento de infra-estrutura. Observamos também o condomínio do Humaitá, uma iniciativa do poder público de expandir a possibilidade das classes média-baixa e baixa de resolverem seus problemas habitacionais. Hoje, esta área sofre constante processo de invasão próximo a BR290, trecho Porto Alegre-Osório (*Free-Way*), constituindo-se em uma grande área altamente pobre e excluída do consumo, um verdadeiro aglomerado de exclusão (HAESBAERT, 1995). Por outro lado, essa área é foco de investimentos imobiliários para *status* médios, com facilidade de financiamento ao longo prazo e, até mesmo, sem entrada. Na própria avenida A. J. Renner existe uma série de condomínios verticais financiados integralmente, assim como nas proximidades do Parque Mascarenhas de Moraes, grande parque dessa região, proliferam-se condomínios horizontais de classe de renda média. Dessa forma, observamos as contradições de renda nítidas no espaço, estando ao mesmo tempo segregadas. Essa área, mesmo sofrendo processo de invasão e constituindo vários aglomerados de exclusão, está recebendo grandes investimentos em infra-estrutura, principalmente devido à renovação do aeroporto. Além disso, possui fácil acesso a todos os recursos urbanos, item básico para a manutenção do interesse de instalação de classes médias.

Atualmente, as cidades se identificam por uma complexidade de tipos sociais e formas de apropriações que se produzem sem padrões previamente definidos no sítio urbano, as singularidades do espaço se produzem de forma aleatória e em diferenças que se alteram em escala micro (SALGUEIRO, 1998). Muitos enclaves de aglomerados de exclusão se estabelecem próximos a espaços de valorização imobiliária, principalmente instalados em áreas verdes ou terrenos vazios de propriedade do poder público. Sobre a proliferação desses espaços e suas perspectivas de recuperação paisagística, muitas discussões são tecidas (ROLNIK; NAKANO, 2000). Hoje, em Porto Alegre, os deslocamentos não constituem uma política pública e enclaves de excluídos, como os percebidos no

bairro Santana, como a Vila Planetário, cujas casas foram remodeladas e a população de baixa renda permaneceu inserida naquele local. Embora não tenham se alterado as condições sociais e o aspecto de exclusão, tais pessoas mantiveram-se em seu espaço de ocupação com uma nova moradia, uma casa própria de alvenaria em um lugar de fácil acesso ao trabalho e a serviços urbanos. O exemplo da Vila Planetário ameniza o aspecto pobre da paisagem, não transformando totalmente as condições de vida, mas já se caracterizando como um passo a isso, devido à melhoria das condições de moradia. Esses enclaves de camadas de baixa renda às áreas centrais e iniciativas para manter suas localizações, tendo em vista eliminar medidas autoritárias de deslocamento, aumentam a diversidade no sítio urbano.

Área central de Porto Alegre e sua diversidade de apropriações espaciais

O centro da cidade e bairros adjacentes se identificam como áreas de intensa circulação populacional, principalmente diurna, quando falamos do centro, e bastante noturna, quando falamos de bairros boêmios da Cidade Baixa e Bom Fim. No centro, observamos uma convivência próxima entre uma alta e uma baixa economia. A área central tende a selecionar investimentos, permanecendo nela somente aqueles com maior valor agregado, ou os monopolísticos. Estão aí as grandes redes de lojas e as sedes de bancos e grandes empresas. É um lugar tipicamente financeiro e de comércio direto em lojas de departamentos ou filiais de grandes redes. Aí circulam durante o dia profissionais do ramo financeiros, de negócios e vendas, principalmente executivos. Por outro lado, as ruas da área central, pelo alto fluxo populacional durante os períodos diurnos, ficam sujeitas ao uso de uma baixa economia, um mercado informal de camelôs que negociam principalmente produtos contrabandeados. A informalidade prolifera em suas ruas: bancas de camelôs, pedintes, artistas amadores, artesãos, negociadores de dólares, prostitutas, prostitutos, engraxates, entre outros que procuram sobreviver da multidão de passantes.

Nos períodos noturnos, o centro da cidade esvazia-se. Esse espaço não é residencial, é comercial, não abriga população que o movimento nos períodos noturnos, como são as noites nos bairros. Durante a noite, o centro se transforma em espaço de lazer noturno barato. Bares que abrigam população de periferia se proliferam. Os eventos desses bares baseiam-se na cultura popular, com forte evidência negra, cultuam o samba e o *rap* produzidos nas zonas pobres da cidade. As territorializações dessas expressões se concentram nas proximidades da avenida Salgado Filho, estendendo-se até a esquina democrática (esquina das ruas dos Andradas com Borges de Medeiros). Além disso, como o centro constitui-se como lugar isolado das áreas residenciais, vários são os lugares de deriva, (PERLONGHER, 1987) de pessoas procurando desejos homoeróticos. Em decorrência

dessas derivas (circulação, perambulação, procura de sexo), em vários pontos do centro existem territorializações de prostitutas (COSTA, 2002), principalmente nas proximidades da praça Dom Feliciano, perto da boate gay Enigma. A prostituição feminina também se apropria de espaços da rua Dr. Flores, entre as ruas Salgado Filho e Andradas. Como observamos, o centro, durante a noite, torna-se lugar de convivência de população pobre e desviante, transformando-se em espaço de livre expressão de desejos e expressões reprimidas e controladas.

Durante o dia, uma diversidade de expressões sociais ocupa o centro, muitas se fazendo presentes em alguns pontos mais territorializados, entre os caminhos de intenso fluxo de população. A rua dos Andradas é o eixo principal de concentração e disputa por espaço para sobrevivência, expressões de desejos, de costumes e de vontades. Algumas áreas da rua dos Andradas, principalmente aquela entre o shopping Rua da Praia (Praça da Alfândega) até o Gasômetro, estiveram em processo de degradação, constituindo-se em áreas obsoletas devido à territorialização restrita do centro dinâmico, que se restringia até perto da rua Caldas Júnior. A partir dessa rua, o centro torna-se residencial, e sua valorização imobiliária decaiu gradativamente devido ao desuso, ao abandono e à proximidade com as *desamenidades* do próprio centro. No entanto, algumas iniciativas municipais revigoraram essa área. As principais iniciativas foram a recuperação do prédio do antigo Hotel Magestic e da Usina do Gasômetro. Esses lugares se transformaram em centros culturais, abrigando cinemas, teatros, cafês, salas para exposições e bibliotecas para manter a atração de população cosmopolita para a área, revigorando-a e aumentando sua valorização imobiliária. Outro investimento desse tipo foi feito nas antigas instalações desativadas das indústrias Renner, onde foi construído um *shopping center* aberto (DC Navegantes), mudando o tipo de atração populacional àquela área e amenizando a obsolescência do bairro Navegantes. Nesse caso, houve o abandono imobiliário dessa área, e a interferência do capital privado possibilitou a remodelagem. Algo semelhante está acontecendo no terreno desocupado com a transferência da fábrica da Brahma, na avenida Cristóvão Colombo, e projeto de construção de outro *shopping*.

As diversidades de apropriações se proliferam no centro, principalmente pela Rua dos Andradas. Na praça da Alfândega, convivem prostitutas, prostitutas ou michês (PERLONGHER, 1987), engraxates, camelôs, mendigos, entre muitos que tentam sobreviver nela. Ao longo da Andradas, nas esquinas, nos abrigos das marquises, vários grupos se expressam e firmam sua pequeníssima área de atuação: dança de rua, grupos andinos, estátuas vivas, pintores, tatuadores, artesãos, indígenas. Entre o *Shopping* Rua da Praia e a Casa de Cultura Mário Quintana, circulam grupos de homossexuais, muitos adolescentes, em grupos muito afetivos e unidos, atraindo prostitutas que se instalam até mesmo dentro do *shopping*. Observamos, assim, que o centro é um lugar de diversidades culturais, todas convivendo proximamente, sobrepondo-se no espaço, mas definindo

pequenas territorializações onde se fazem presentes. Todos se banalizam, pouco propensos a se misturarem, mas deixam que o outro exista, uma vez que todos sabem de sua individualidade e respeitam a dos outros.

A mistura de culturas, evidenciando-se mais a respeito da estética (comportamentos e formas visuais - vestimentas, acessórios ao corpo), pode ser claramente percebida nas áreas ao redor da Usina do Gasômetro e orla do Guaíba, como também no Parque da Redenção. Como lugares públicos e de lazer, possibilitam a visita e circulação de uma diversidade de tipos sociais. Aos domingos, a convivência é mais perceptível. No Brique da Redenção, misturam-se diferentes grupos políticos, diferentes orientações sexuais, diferentes tipos estéticos, usuários de drogas e pessoas de diferentes níveis de renda, possibilitando uma proposta pós-moderna à convivência espacial pelas várias alteridades num mesmo lugar. Assim também é o gasômetro durante todo o fim de semana, onde toda essa diversidade se envolve com a principal atração do Guaíba: o pôr-do-sol.

O bairro Cidade Baixa também se evidencia pela diversidade de apropriações de expressões culturais. Alguns exemplos podem ser citados para investigações mais profundas. A esquina das ruas José do Patrocínio com Joaquim Nabuco: ao mesmo tempo em que adolescentes, surfistas, *rockers*, convivem no Bar Opinião, que promove festas e shows para esses tipos urbanos, no outro lado da esquina está a boate Carinhoso, onde convive população negra que se diverte com pagode e samba, e também o Black Power, bar negro onde se "toca" *black music*. Andando mais pela Joaquim Nabuco, está o bar Venezianos, que abriga o público gay. Vemos, então, uma grande diversidade de estilos que se agrupam em espaços bem próximos. Na rua Gal. Lima e Silva, jovens se aglomeram procurando diversão e expressando uma diversidade de tipos estéticos, orientações sexuais e níveis de consumo e renda. A rua mais boêmia da cidade hoje apresenta intensa movimentação noturna, com densa circulação desde a esquina da Perimetral até o Olaria Center, lugar onde se reúnem intelectuais, cosmopolitas, artistas, com forte tendência à reunião de amigos e casais gays. Os pontos cruciais de convivência são a esquina da Rua da República e os Bares Copão e Cotiporã, próximos à esquina da rua Sarmento Leite.

Para concluir...

A cidade hoje é um sítio muito diversificado. As diferenças econômicas e culturais se aglomeram e se sobrepõem, não respeitando modelos rígidos no espaço, e sim firmando uma aleatoriedade. Ao mesmo tempo em que as convívências tornam-se aleatórias e dicotômicas e os processos econômicos se reproduzem disformemente, todos abrigam sempre uma lógica. A lógica sempre está baseada numa tendência do capital, abrindo sempre trabalho e consumo:

como e onde se reproduzir melhor? O capital inclui e exclui, assim ele gera diferenças aos que procuram sobreviver em seus fluxos. Os excluídos acabam rompendo com esse estado de coisas e se aproximando dos incluídos, assim como os incluídos, paulatinamente, valorizam espaços excluídos e vão expulsando aqueles. No processo, o sítio urbano se torna contraditório.

Tal cidade abriga hoje todas as culturas do mundo. É espaço da informação, da mídia e da propaganda. Muitas faixas de renda se proliferam, enquanto aumenta a separação entre ricos e pobres. Porém, há consumo para todas as formas diferenciadas de sobreviver e se expressar. Isso fragmenta muito o lugar. Cultura e economia se imbricam nessa fragmentação, proliferando a diversidade de culturas, de consumo, de perspectivas, de vontades e de identificações.

Bibliografia citada e consultada

- CAMPOS FILHO. **Cidades Brasileiras: seu controle ou o caos**. São Paulo: Studio Nobel, 1992.
- CARRION, O B. K. Mercado Imobiliário e padrão periférico de moradia: Porto Alegre e Região Metropolitana. **Ensaio FEE**, Porto Alegre: FEE, 1989.
- CASTELLS, M. **A questão urbana**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- COSTA, B. P. **A Condição Homossexual e a Emergência de Territorializações**. Dissertação de Mestrado, Pós-graduação em Geografia/UFRGS. Porto Alegre, 2002.
- CLARK, D. **Introdução à geografia urbana**. São Paulo: Bertrand Brasil, 1991.
- CORREIA, R. L. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 1995.
- CHRISTALLER, W. **Central places in central germany**. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1966.
- HAESBAERT, R. Desterritorialização: entre Redes e os Aglomerados de Exclusão. In: CASTRO, I.E., GOMES, P.C.C., CORRÊA, R.L. (Orgs.). **Geografia: Conceitos e Temas**. São Paulo: Ed. Bertrand Brasil: 1995.
- IBGE. **Redes Urbanas Regionais: Sul**. Série caracterização e tendências da rede urbana do Brasil. Brasília: IBGE, 2000.
- MENEGAT, R. **Atlas Ambiental de Porto Alegre**. Porto Alegre: PMPA/UFRGS, 2000.
- PERLONGHER, N. **O Negócio do Michê: A Prostituição Viril**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.
- ROLNIK, R; NAKANO, K. Cidades e Políticas Urbanas no Brasil: Velhas questões, novos desafios. In: RATTNER, H. **Brasil no limiar do século XXI**. São Paulo: EDUSP, 2000.
- SALGUEIRO, T. B. Cidade Pós-Moderna: Espaço Fragmentado. **Revista Território**, UFRJ, ano III, nº 4, jan-jul. Rio de Janeiro, 1998.
- SANTOS, M. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo; Razão e Emoção**. São Paulo: Hucitec, 1997.
- SOUZA, M. L. **O desafio metropolitano: um estudo sobre a problemática sócio-espacial nas metrópoles brasileiras**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- TASCHNER, S. P. Mudanças no padrão de urbanização: novas abordagens para a década de 90. **Revista Espaço e Debates**, nº 36. São Paulo, 1992.
- TRINDADE JR, S. C. Agentes. Redes e territorialidades urbanas. **Revista Território**, nº 4, Rio de Janeiro: UFRJ.